

## A POTÊNCIA DIDÁTICA DOS REA PARA A MOTIVAÇÃO DOS JOVENS E ADULTOS DA EJA

Gessylia Moura Alves<sup>1</sup>  
Júlio César Correia da Silva<sup>2</sup>  
Anamelea de Campos Pinto<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo analisa a potência didática dos Recursos Educacionais Abertos (REA) na Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir da problemática: de que forma os materiais em REA podem auxiliar o fazer didático-pedagógico de docentes da EJA?. Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa. Utiliza como referência alguns especialistas que apoiam o uso dos REA como Política Pública para a Educação (AMIEL, 2012; PESCE, 2013), além de fundamentar-se na legislação educacional vigente. Nesse sentido discutiremos a utilização dos REA no processo de ensino-aprendizagem na modalidade EJA, como ferramenta de elaboração, compartilhamento e (re)distribuição de materiais didáticos dispostos em plataformas híbridas para uma (re)significação do processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos da EJA.

**Palavras-chave:** REA, EJA, Ensino-aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

No presente artigo buscamos analisar a potência dos Recursos Educacionais Abertos (REA) na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Por meio de um levantamento bibliográfico pudemos identificar que a utilização dos REA no processo de ensino-aprendizagem nesta modalidade de ensino pode vir a ressignificar a dinâmica de sala de aula uma vez que estes recursos se tornam mais tangíveis e acessíveis à educadores e educandos levando em consideração a facilidade no manuseio de dispositivos digitais como celulares, *tablets*, *notebooks* e entre outros dispositivos digitais.

A minúcia da modalidade EJA, exige do educador recursos didáticos que permitam atender a pluralidade dos sujeitos, criando assim uma identidade para estes sujeitos, visto à heterogeneidade etária, cultural e social que fomentam os sujeitos da EJA. Segundo Silva *et al* (2017, p. 1) uma das características dos REA é não estar totalmente voltado para fins comerciais, além disso, sua sigla também identifica o movimento de pesquisadores que milita por condições melhores de ensino, a partir da realidade de seus sujeitos e compondo-a dentro

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, [gessyliama@gmail.com](mailto:gessyliama@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestrando pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, [julio.silva@cedu.ufal.br](mailto:julio.silva@cedu.ufal.br);

<sup>3</sup> *In memoriam*;

de uma esfera virtual para que a partilha possa ocorrer abertamente no espaço físico, promovendo intercâmbios de experiências entre os atores escolares e a comunidade escolar, levando em consideração a realidade de cada indivíduo inserido no contexto “escola”.

Assim, o uso de ferramentas digitais pedagógicas possibilita ao educador a gestão de conteúdos, novas metodologias de ensino e ferramentas didáticas capazes de pensar os sujeitos da EJA com e na diversidade, adaptando estes recursos à realidade dos sujeitos e redistribuindo os mesmos para sua reutilização, produzindo processos interacionistas de produção e consumo destes recursos e a partilha dos mesmos, sem balizar os direitos autorais.

Espera-se que os REA sejam utilizadas como ferramentas auxiliares do trabalho docente e da produção científica através da autoria digital, construindo projetos educativos que leve em consideração a realidade dos atores escolares e a necessidade de aprimoramento das teorias de aprendizagem já consolidadas, sobretudo permitir a efetivação do conhecimento que surge da relação entre os sujeitos e o seu meio.

O objetivo deste artigo é contribuir para discussão acerca do tema estudado, explorando as fontes literárias que dialogam a respeito da potencialidade dos REA e da materialização da modalidade de ensino EJA, focalizando na motivação dos sujeitos inseridos neste contexto a partir da utilização dos REA como ferramenta pedagógica de aprimoramento didático e aproveitamento das experiências oriundas da realidade dos sujeitos da EJA.

## **METODOLOGIA**

Para a efetivação da pesquisa qualitativa, realizou-se levantamento bibliográfico acerca do potencial didático dos REA na perspectiva da EJA, estudando literaturas com foco na motivação, heterogeneidade e realidade dos sujeitos matriculados nessa modalidade de ensino, buscando diagnosticar as condicionantes da escolha dos jovens e adultos em cursar a EJA e o tipo de conhecimento que esperam obter (re)ingressando na escola.

Para Martins (2004, p. 2), a pesquisa qualitativa confirma-se na análise de microprocessos, que investiga uma ação social ou grupal e tem como objetivo coletar dados pré-estabelecidos, que para Gamboa (2003, p. 7) refere-se a coleta de dados sem uso de análises estatísticas.

Nesse percurso, identificamos a deficiência de materiais didático-pedagógicos que incorporem uma dialogicidade expressamente colaborativa na sua elaboração, em relação com o cotidiano dos sujeitos matriculados na EJA, levando em consideração o manuseio de

dispositivos digitais que para esses sujeitos se caracterizam como ferramentas de interação social em benefício da informação, comunicação, diversão e aprendizagem.

Assim, destacamos a usabilidade dos REA como potência didática no contexto ensino-aprendizagem da EJA, por propiciar espaços de coprodução, coaprendizagem e coautoria para auxiliar professores da EJA na elaboração de materiais didáticos mais permissivos e condizentes com a realidade dos jovens e adultos dessa modalidade de ensino, configurando-se como um potencial recurso de disseminação do conhecimento e erradicação do preconceito social em valorizar conteúdos aplicados e desprezar conhecimentos nativos.

## DESENVOLVIMENTO

A crescente profusão e difusão das novas tecnologias no que chamamos de era digital, embasam uma proposta de educação transformadora que leva em consideração as dimensões do conhecimento, da estética, do ambiente e também das relações humanas dos sujeitos inseridos na realidade conectivista, ou seja, a partir da troca de experiências que ocorre entre os agentes conectados e os recursos digitais pelos quais se conectam (*smartphone*, computador, *notebook*, celular, telefonia etc.), podemos mensurar os avanços das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) para a educação.

Nesse contexto, Santos (2012, p. 71) afirma que a inovação promovida pela tecnologia, se incorpora no setor educacional por meio da ideia da Educação Aberta e se caracteriza na forma de aplicabilidade das ferramentas tecnológicas que contribuem para o desenvolvimento do ensino, aprimorando as teorias de aprendizagem já consolidadas no sistema de escolarização. Assim, incorporamos neste artigo a proposta de usabilidade dos Recursos Educacionais Abertos (REA), porque este produto transcorre acerca das perspectivas pedagógicas, digitais, democráticas, de participação e colaboração, desde a sua criação até a sua execução.

De acordo com Pesce (2013, p.76) os REA são uma potência didática inovadora e estão inseridos no processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos por meio do uso de ferramentas digitais pedagógicas para auxiliar professores em sala de aula, não excluindo nenhuma área do conhecimento, pelo contrário, agregando conteúdos conseguinte a (co)produção e a (co)aprendizagem numa perspectiva da Educação Aberta, que visa permitir o livre acesso às oportunidades de aprendizagem que acontecem no intercâmbio de experiências entre os agentes escolares no mundo externo. Mas o que são REA?

Para Silva *et al* (2017, p. 2), são considerados REA todo material didático (artigos, imagens, revistas, livros, áudios etc.) registrado em *Creative Commons* (CC) ou inserido em domínio público, dispostos em rede e que podem ser (re)utilizados apenas para fins pedagógicos. Cabe ao autor deste recurso selecionar o tipo de perfil CC em que melhor se adequa a sua obra, justaposta em liberdades e restrições de classificação das produções, conforme: (i) as atribuições da obra; (ii) a não permissão de obras derivativas; (iii) a permissão de obras derivativas sem uso comercial; (iv) o compartilhamento da obra pela mesma licença e (v) domínio público.

Outra característica dos REA, segundo Santana *et al* (2012), é não estar totalmente voltado para fins comerciais, além disso, sua sigla também identifica o movimento de pesquisadores que milita por condições melhores de ensino, a partir da realidade de seus sujeitos e compondo-a dentro de uma esfera virtual para que a partilha possa ocorrer abertamente no espaço físico.

A partir da usabilidade dos REA como potência didática para a educação, surge a associação do conhecimento em vários níveis e modalidades da educação, a exemplo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), visando a melhoria dos conteúdos expositivos no processo de ensino e aprendizagem, que são aprimorados de acordo com os perfis dos sujeitos inseridos no contexto da EJA e a elaboração do material didático para estes sujeitos, que com o uso dos REA podem ser produzidos mediante a partilha de dados entre as realidades apresentadas no intercâmbio de experiências entre os atores escolares.

Ao se examinar minuciosamente a modalidade educacional Educação de Jovens e Adultos, deve-se levar em consideração a pluralidade dos sujeitos que dela fazem parte e como construir uma identidade própria à esta modalidade. As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos em seu Artigo 5º, Parágrafo único (sob Parecer CNE/CEB 11/2000 e Resolução CNE/CEB 1/2000) estabelecem que:

Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio...(BRASIL, 2000)

O processo histórico de configuração e reconhecimento desta modalidade de ensino ainda está “longe de estar servindo à democratização das oportunidades educacionais, ela se conforma no lugar dos que ‘podem menos e também obtêm menos’ ” (ANDRADE, 2004, p.

1). Os alunos da EJA perpassam toda e qualquer concepção homogeneizada de suas realidades. São sujeitos plurais e heterogêneos, não podendo ser tratados como uma massa de alunos, sem nenhuma identidade. A educação daqueles que “já passaram da idade escolar” e que não tiveram oportunidades educacionais não pode se limitar a “alfabetizar por alfabetizar”.

Na escola encontramos alunos e alunas das experiências da EJA que sabem, que aprendem e que também ensinam e cuja vida é ponto de partida para se pensar o tempo, o espaço, e, principalmente, o diálogo com o conhecimento a ser construído. Eles “são aqueles que, mesmo tendo uma história de vida, uma cultura acumulada se expressa através das formas mais diferenciadas possíveis, são desrespeitados, ignorados e marginalizados” (MOURA, 2014, p.5).

De acordo com Fávero & Freitas (2011, p.3) estes educandos necessitam de “uma metodologia especial de ensino que considere o desuso da aprendizagem, desenvolva a autoconfiança e inicie do diálogo. Para tanto, deveriam ser disponibilizados o rádio, a imprensa, o cinema, a biblioteca, as discotecas, dentre outros meios (grifos nossos)”. Daí a importância de se pensar os sujeitos como protagonistas no processo de ensino-aprendizagem e desenvolver metodologias de ensino e ferramentas didáticas capazes de pensar os sujeitos da EJA com e na diversidade como menciona o relatório brasileiro preparado para à VI Confinteia no ano de 2009:

Pensar sujeitos da EJA é trabalhar para, com e na diversidade. A diversidade é constituída das diferenças que distinguem os sujeitos uns dos outros – mulheres, homens, crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, pessoas com necessidades especiais, indígenas, afro-descendentes, descendentes de portugueses e de outros europeus, de asiáticos, de latino-americanos, entre outros. (BRASIL, 2009, p. 28)

Com a pluralidade de sujeitos presentes na EJA, suas experiências de vida produzem saberes que devem ser apropriados pelos próprios alunos, pela escola e conseqüentemente pelos professores. A este cabe a (re)significância dos conteúdos escolares e da didática aplicada e dos recursos educacionais utilizados. Ao docente se propõe o pensar numa metodologia especial de ensino-aprendizagem que compreenda as dimensões das experiências sociais dos educandos e dos conteúdos educacionais propostos para esta modalidade educacional.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A adoção de REA em sala de aula é apresentada pelos pesquisadores porque acredita-se que este recurso oferece grande flexibilidade e facilidade de reutilização, pois possibilita o seu uso em seis níveis de permissões: *review*, *reuse*, *remix*, *redistribute*, *rentain* e *restart*, que se bem trabalhados podem contribuir democraticamente para o espaço de formação por meio do intercâmbio de experiências entre os docentes e estudantes da EJA, possibilitando a partilha do conhecimento também numa esfera virtual (PINTO *et al*, 2018, p. 68).

Segundo Coura (2007, s/p) a motivação é uma ferramenta essencial para que o sujeito da EJA se sinta cada vez mais vivo e autônomo. Siemens (2005) e Downes (2010) quando defendem a Teoria Conectivista também acreditam na motivação que as pessoas possuem quando estão compartilhando conhecimentos, mas para que isso aconteça na EJA o professor também precisa estar capacitado para perceber quais são as realidades daqueles sujeitos e agregá-las aos conteúdos aplicados em sala de aula.

Nesse sentido, propomos a utilização dos REA na elaboração e partilha dos conteúdos a serem trabalhados na EJA, uma vez que os materiais de ensino para esta modalidade tornam-se cada vez mais escassos, mesmo sendo garantido na Constituição Federal, conforme Artigo 208 em seu inciso VII: o “atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didáticoescolar, transporte, alimentação e assistência à saúde (grifos nosso)”.

Sugere-se o REA na EJA como um modelo referencial de análise e criação de material didático em larga escala, permitindo que os sujeitos matriculados na EJA aprendam e produzam a partir da interação com o seu meio e da inserção de novos conteúdos colaborativos, seja face à escola ou face alguma temática sugerida pelo professor uma vez que o REA está contido em plataformas que mediatizam seus materiais didáticos divulgando-os para qualquer pessoa interessada em acessá-lo, podendo ser o professor o grande insentivador na produção de novos conteúdos e distribuição destes abertamente.

Tal prática pedagógica possibilita o direcionamento das atividades expositivas em sala de aula, podendo utilizar os REA no registro dos planos de aula dos docentes, que muitas vezes são engavetados ao término de sua execução, para que a partir do licenciamento em rede esses planos de aula sejam dispostos em repositórios *online* e passem a auxiliar professores na partilha e remixagem de tais materiais, respeitando os aspectos sociais e afetivos dos sujeitos da EJA e contribuindo para a elaboração de projetos educativos na área.

A utilização de REA serve para recondicionar materiais didáticos em outros formatos, o que não significa afirmar que o docente tem que repetir conteúdos em sala de aula, mas sim permitir que tais conteúdos sejam manipulados dentro das suas condições pedagógicas, considerando a sua origem e aplicabilidade, pois, o mais importante é fazer com que os sujeitos inseridos no contexto da EJA se sintam construtores da sua própria história de vida e que se vejam agregados a sua realidade social, promovendo a força de vontade em aprender novos conteúdos, a autonomia para administrar novos conhecimentos e a capacidade de compartilhar com outros sujeitos as suas experiências de vida e os novos conhecimentos, seja no espaço físico ou virtual.

Para Pinto (2007, p. 315), o inter-relacionamento entre comunicação e educação é o que nos permite ressignificar as propostas inovadoras do ensino, sobretudo o processo de evolução histórico entre comunicação e educação, pois o ato de ensinar transcende a motivação em aprender/estudar, porque o estudante precisa ser condicionado a resolução de problemas mediante as suas próprias vivências, seja caminhando por uma linha empírica do processo de ensino e aprendizagem ou incorporando os processos tecnológicos da cibercultura para adaptar costumes antigos, tal como comunicar-se via *e-mail* eletrônico.

Portando, utilizar os REA como auxiliares do fazer pedagógico, seja na EJA ou em qualquer outra modalidade de ensino, é permitir que todos os sujeitos coaprendizes do processo de ensino e aprendizagem, possam evoluir significativamente a partir de seus próprios conhecimentos e irem de encontro a novas experiências, permitindo assim a sensação de serventia para a sociedade e a continuação das ações sociais a partir da motivação resgatada durante a aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se caracteriza como teórica e investigativa, sobre o uso de materiais digitais abertos para a elaboração de material didático na EJA, indicando a produção e uso dos REA para auxiliar docentes no reaproveitamento de qualquer material pedagógico que quando executado obteve um resultado significativo para os sujeitos envolvidos, tomando como exemplo o registro de planos de aula em repositórios *online*.

É importante mencionar que a inserção das tecnologias inovadoras no setor educacional possibilitou a criação de novas práticas de aprendizagem nos diferentes contextos da educação, com a EJA não é diferente, muitos de seus sujeitos são usuários de tecnologia e fazem uso dos conteúdos encontrados nesses espaços virtuais, como por exemplo uma receita

de bolo numa página de culinária do Facebook ou uma imagem motivacional recebida num grupo de *WhatsApp* que pode ser compartilhada para vários contatos (ANDELIERI e ADO, 2014).

A relevância do trabalho está em considerar a pluralidade dos sujeitos da EJA, o acesso ao mundo tecnológico e a garantia de uma educação de qualidade, entendida pela necessidade de um rompimento com as didáticas tradicionais e a inserção de uma metodologia especial de ensino que considere o desuso da aprendizagem, desenvolva a autoconfiança e inicie do diálogo e compreensão dos sujeitos para uma re(significação) do processo de ensino aprendizagem e a REA vem a contribuir com este “rompimento” uma vez que permite ao professor e ao aluno o acesso à recursos didáticos diversos e plurais.

Tais perspectivas promovem o crescimento dos processos educativos e passam a contribuir para o avanço da ciência, que por sua vez estimulam a criação de diretrizes educacionais que auxiliam o fazer pedagógico de forma síncrona. Nesse sentido podemos dizer que o uso dos REA pode configurar-se como política pública para a educação, sendo inserido, inicialmente, nos organismos de gestão e citado nos documentos norteadores da educação, dando a oportunidade para que os sujeitos compartilhem as suas ações e possam administrar os ambientes virtuais que comportam os materiais educacionais abertos.

Com isso espera-se contribuir para o estabelecimento dos REA como ferramenta auxiliadora do trabalho docente e da produção científica através da autoria digital, construindo projetos educativos que leve em consideração a realidade dos atores escolares e a necessidade de aprimoramento das teorias de aprendizagem já consolidadas, sobretudo permitir a efetivação do conhecimento que surge da relação entre os sujeitos e o seu meio, nesse caso, aplicando na EJA um banco de dados das experiências escolares e dos projetos pedagógicos de intervenção social.

## REFERÊNCIAS

ANDELIERI, Sônia; ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Tecnologia, educação e práticas na EJA. In.: STECANELA, N.; AGLIARDI, D. A.; LORENSATTI, E. J. C. (orgs.). **Ler e escrever o mundo: a EJA no contexto da educação contemporânea**. Caxias do Sul, RS : Educs, 2014. p. 239.

ANDRADE, Ribeiro Eliane. Os sujeitos educandos na EJA. In: TV Escola, salto para o futuro. **Educação de Jovens e Adultos: continuar e aprender por toda a vida**. Boletim, 20 a. 29 set. 2004.

AMIEL, Tel. **Educação aberta**: configurando ambientes, práticas e recursos educacionais. São Paulo: Casa da Cultura Digital, p. 17-33, 2012.

**BRASIL**. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Parecer 1/2000. Brasília.2000.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Parecer 11/2000. Brasília.2000.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Documento Nacional Preparatório à VI Conferência internacional de Educação de Adultos (VI Confinteia). Brasília: MEC, Goiânia: Funape/UFG, 2009.

DOWNES, Stephen. New technology supporting informal learning. **Journal of Emerging Technologies in Web Intelligence**, v. 2, n. 1, p. 27-33, 2010.

FÁVERO, O.; FREITAS, M. A educação de adultos e jovens e adultos: um olhar sobre o passado e o presente. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 36, n. 2, p. 365-392, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/16712>>. Acesso em: 26 ago 2019.

GAMBOA, S. A. S. Pesquisa qualitativa: superando tecnicismo e falsos dualismos. **Contrapontos**, Itajaí, v. 3, n. 3, p. 333-405, 2003.

MARTINS, H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 283-300, 2004.

MOURA, Tania M. M. **Os alunos jovens e adultos que buscam a Educação de Jovens e Adultos**: quem são e o que buscam na escola. 2014. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Didática).

PESCE, Lucila. A Potência Didática dos Recursos Educacionais Abertos para a Docência na Contemporaneidade. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 7, n. 2, p. 195-210, 2013.

SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson L. (org.). **Recursos educacionais abertos**: práticas colaborativas políticas públicas. Salvador: Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012.

SIEMENS, George. Connectivism: A learning theory for the digital age. **International Journal of Instructional Technology and Distance Learning**, vol. 2, n. 1, p. 3-10, 2005.

COURA, Isamara Grazielle Martins. A terceira idade na educação de jovens e adultos: expectativas e motivações. 2007. **Tese** (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

PINTO, Anamelea C. A inter-relação dos campos e da comunicação: por uma lógica da comunicação educacional. In: PINTO, A. C.; COSTA, C. J. S.; HADDAD, L. **Formação do pesquisador em educação**: questões contemporâneas. Maceió: Edufal, 2007, p. 315-332.

PINTO, A. C.; SILVA, J. C. C.; MERCADO, L. P. Diálogos pertinentes acerca da utilização de recursos educacionais abertos para a educação. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 2, n. 3, p. 54-81, 2018.

SANTOS, Andreia I. **Educação aberta**: histórico, práticas e o contexto dos recursos educacionais abertos. São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012.